

# Recursos criativos em Gestalt-terapia

LILIAN MEYER FRAZÃO  
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU  
[ O R G S . ]

*RECURSOS CRIATIVOS EM GESTALT-TERAPIA*

Copyright © 2021 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Janaína Marcoantonio**

Capa: **Buono Disegno**

Diagramação: **Crayon Editorial**

## **Summus Editorial**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>Apresentação</b> . . . . .	<b>.7</b>
<i>Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu</i>	
<b>1 Arteterapia: recurso milenar que se consolida como prática terapêutica.</b> . . . . .	<b>11</b>
<i>Selma Ciornai</i>	
<b>2 Arte, ousadia e deflexão: práticas para a fluidez do olhar</b> . . . . .	<b>29</b>
<i>Otávio Dutra de Toledo</i>	
<b>3 O clown terapêutico: a Gestalt-terapia e o universo dos palhaços</b> . . . . .	<b>57</b>
<i>Rodrigo Bastos e Montserrat Gasull Sanglas</i>	
<b>4 Ressignificando histórias de vida</b> . . . . .	<b>83</b>
<i>Maria de Fatima Pereira Diógenes</i>	
<b>5 Oficinas de escrita criativa na formação de Gestalt-terapeutas.</b> . . . . .	<b>99</b>
<i>Maria Teresa Vignoli (Teca)</i>	

**6 Aquarela como recurso terapêutico . . . . .125**

*Wanne de Oliveira Belmino*

**7 Música, Gestalt-musicoterapia e a *awareness* do campo . .149**

*Paulo de Tarso de Castro Peixoto*

**8 O trabalho com máscaras: desvelando polaridades . . . .177**

*Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)*

# Apresentação

LILIAN MEYER FRAZÃO

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

Recursos representam possibilidades para expressarmos nosso jeito de ser. A espontaneidade abre um caminho singular pelo qual cada indivíduo trilha o próprio desenvolvimento. Criatividade e espontaneidade, aliadas, são as marcas de todo ser humano que deseja se comunicar com o mundo. Não por acaso, no livro *Gestalt-terapia* (1997), Perls, Hefferline e Goodman mencionam o desprendimento criativo, o qual auxilia as pessoas a lidar com conflitos e situações de crise.

Chamamos esta obra de *Recursos criativos em Gestalt-terapia* porque acreditamos que a criatividade do ser humano é a arte absoluta daquele que deseja se expressar em sua singularidade, em sua forma única de ser. Convidamos autores que utilizam suas artes – no plural, para evidenciar os diversos recursos que podem derivar do campo artístico – para facilitar a ampliação de *awareness* em seus pacientes.

No capítulo “Arteterapia: recurso milenar que se consolida como prática terapêutica”, Selma Ciornai apresenta a

história e o desenvolvimento da arteterapia, particularmente no contexto da abordagem gestáltica, e ensina, de forma didática e clara, os vários aspectos a ser considerados na aplicação dessa forma de trabalho.

Em “Arte, ousadia e deflexão: práticas para a fluidez do olhar”, Otavio Dutra de Toledo afirma: “Há momentos da terapia que pedem um ‘remendo’ pelo uso da arte”. Otavio, em seu belo texto, compõe uma verdadeira tapeçaria com acordes que levam à fluidez daquele que precisa se encontrar.

No capítulo “O *clown* terapêutico: interseções entre a Gestalt-terapia e o universo dos palhaços”, Rodrigo Bastos e Montserrat Gasull Sanglas apresentam o universo do palhaço, que propicia um caminho de experimentação, ousadia, criatividade e espontaneidade para lidar com enfrentamentos que uma pessoa julga serem insolúveis. A fluidez e a ampliação de *awareness* podem ser ampliados pelo *clown* terapêutico.

Trabalhar com histórias e contos de diferentes maneiras é o caminho escolhido por Maria de Fátima Pereira Diógenes no capítulo “Ressignificando histórias de vida”. Nele, a autora acompanha seus clientes em cada fragmento da reconstrução da existência deles.

No capítulo “Oficinas de escrita criativa na formação de Gestalt-terapeutas”, Maria Teresa Vignoli (Teca) afirma: “[...] Escrever livremente nos revela a nós mesmos e instaura uma forma própria de articular pensamentos e estudos com a vida em si, com a caminhada pessoal”. Teca se dedica a oficinas de escrita há muitos anos e compartilha conosco sua experiência.

No capítulo 6, “Aquarela como recurso terapêutico”, Wanne de Oliveira Belmino mostra que “a prática da aquarela é um recurso que permite realizar um contato profundo

com a sensorialidade, as emoções, e quando mediado em contexto terapêutico leva a descobertas importantes e transformações necessárias [...]”.

No penúltimo capítulo deste volume, “Música, Gestalt-musicoterapia e a *awareness* do campo”, Paulo de Tarso de Castro Peixoto afirma que “a música nos leva a lugares desconhecidos em nós. Ela acessa caminhos obscuros que se abrem a partir da sua fluidez e das sonoridades estrangeiras ao mundo das palavras”.

E, finalmente, no último capítulo deste volume, “Trabalho com máscaras: desvelando polaridades”, Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz) percorre magistralmente o significado da máscara ao longo do tempo e explica como sua utilização pode promover um experimento vivencial visando ao crescimento e ao desenvolvimento do paciente.

Assim, este volume se propõe a enriquecer o trabalho clínico do Gestalt-terapeuta com o uso dos múltiplos recursos artísticos possíveis.

Desejamos aos leitores bom proveito!

# 1

## **Arteterapia: recurso milenar que se consolida como prática terapêutica**

**SELMA CIORNAI**

### **ARTETERAPIA: INTRODUÇÃO E HISTÓRIA**

A arte tem sido, através dos tempos, um meio de conferir significado a fatos da natureza e da vida, organizando e dando sentido às experiências humanas. Também tem sido utilizada em processos terapêuticos e de cura em todas as culturas ao longo da história. O uso terapêutico das artes remonta às civilizações mais antigas, pois desde tempos imemoriais os seres humanos utilizam recursos como artes visuais, dança e música para expressar seus medos e desejos, bem como em rituais de cura e de invocação da proteção de deuses e forças da natureza.

Na verdade, desde nossos primórdios, arte, linguagem e socialização se desenvolveram juntas. E, com as artes, surgiu a capacidade de imaginar, simbolizar e criar metáforas, respondendo à necessidade do ser humano de criar e se expressar simbolicamente.

O aspecto simbólico da arte é universal, independentemente de cultura, época ou país. Segundo Bachelard (2015), a arte é a “linguagem da alma”. Seu uso em terapia permite ao indivíduo reconectar-se com essa capacidade primordial de simbolizar e comunicar-se por meio de metáforas. Imagens, cores e formas sempre expressaram o indizível, o mistério, o que não é traduzível em palavras ou o que ainda mal se vislumbra, proporcionando-nos, como terapeutas, uma porta mágica de entrada para a intersubjetividade. Mas a arte tem desempenhado também outra função, muito importante para aqueles que trabalham como terapeutas: ensinar a sonhar e expressar sonhos em imagens concretas, imaginar transformações e vislumbrar realidades diversas, representando-as na arte. Nesse sentido, Bachelard (2015, p. 17-18) escreve: “A imaginação não é a capacidade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-realidade”.

Nos dias de hoje, a arte continua a exercer a função de expressar sentimentos, experiências internas e interacionais, percepções, sonhos, ideias, utopias; a ensinar as pessoas a des-cristalizar o olhar e a ver o velho e o desconhecido de distintas perspectivas, por vezes ressignificando-os; a desconstruir e reconstruir percepções; a ampliar nossa consciência sobre as relações entre partes e totalidades; a perceber o que não vemos no que olhamos; a dar expressão à nossa complexidade; a construir metáforas, dar forma ao nosso imaginário; a aprender a respeitar o mistério e a beleza da vida e da natureza. No entanto, foi apenas no final do século 19 que a arte passou a interessar psiquiatras, que perceberam que os trabalhos

artísticos de seus pacientes podiam auxiliar na elaboração de diagnósticos e, posteriormente, no tratamento.

Nessa mesma direção, Freud escreveu sobre o poder da arte de expressar conteúdos reprimidos do inconsciente (que influi nas escolhas humanas, mas não obedece às leis do pensamento lógico e racional), sobre seu poder catártico e sublimatório, debruçando-se com interesse sobre as imagens dos sonhos e o trabalho de vários artistas.

Jung foi além ao estudar o poder revelador da arte, postulando a criatividade como função estruturante e enfatizando a importância da linguagem simbólica. Compreendia o símbolo como um elemento organizador de energias psíquicas, com potencial tanto de expressar conteúdos reprimidos (como Freud) como de sinalizar conteúdos prospectivos, possibilidades futuras e dimensões espirituais. Jung relatou suas experiências pessoais com arte e imagens, propondo que seus clientes expressassem conteúdos oníricos por meio de representações plásticas.

No período entre as guerras, e especialmente após a Segunda Guerra Mundial (na década de 1940-50), educadores como Victor Lowenfeld pontuaram a importância da expressão artística no desenvolvimento humano de maneira geral e no infantil em particular. A arte-educação floresceu e, concomitantemente a ela, surgiu a arteterapia, com o trabalho pioneiro de Margareth Naumburg. Esta expandiu a atuação em arte-educação que desenvolvia em uma escola de vanguarda em Nova York para o âmbito da saúde mental em hospitais.

Segundo ela, a atividade de expressão livre desenvolvida nos contextos de arte-educação poderia ser utilizada benéficamente em contextos terapêuticos, destacando o poder de